

LÍNGUA PORTUGUESA

- 1) Leia a charge a seguir e considere o contexto político de sua divulgação:



O humor da charge só é identificado quando:

- A) Observa-se que as charges são gêneros atuais, mas essa apresenta elementos antigos: hoje em dia as guilhotinas não são mais utilizadas como instrumentos de tortura, o que gera uma situação confusa e engraçada.
- B) Questiona-se a fala do carrasco, porque uma pessoa condenada a guilhotina, um instrumento de tortura muito utilizado durante a Revolução Francesa para aplicar a pena de morte por decapitação, não consegue ficar tranquila.
- C) Entende-se a ambiguidade presente na palavra **cor**te, que se relaciona tanto ao corte literal feito pela guilhotina, quanto aos cortes que estão sendo feitos na educação brasileira, se analisada a palavra **contingenciamento**.
- D) Satiriza-se a representação do carrasco francês que, originalmente em seu ofício, deveria apenas operar a guilhotina e não conversar com o condenado, como foi feito nessa charge, em que o executor tenta trivializar a situação.

- 2) Leia os textos abaixo:

Texto I

Dizem que ela existe pra ajudar
Dizem que ela existe pra proteger
Eu sei que ela pode te parar
Eu sei que ela pode te prender

Polícia! Para quem precisa!
Polícia! Para quem precisa de polícia!
Polícia! Para quem precisa!
Polícia! Para quem precisa de polícia!

Dizem pra você obedecer
Dizem pra você responder
Dizem pra você cooperar
Dizem pra você respeitar

Polícia! Para quem precisa!
Polícia! Para quem precisa de polícia!
Polícia! Para quem precisa!
Polícia! Para quem precisa de polícia!

(Disponível em: <http://letras.mus.br/titas/48993/> Acesso em: 04/10/19.)

Texto II

Polícia e Ladrão

Marcelo D2

É isso aí D2...o momento é de caos
A população tá bolada.. muito bolada

Eu também tô bolado parceiro...

Numa cidade muito longe,
Muito longe daqui
Que tem problemas que parecem
Os problemas daqui
Que tem favelas que parecem
As favelas daqui

Existem homens maus
Sem alma e sem coração
Existem homens da lei
Com determinação
Mais o momento é de caos
Porque a população
Na brincadeira sinistra
De polícia e ladrão
Não sabe ao certo quem é
Quem é herói ou vilão
Não sabe ao certo quem vai
Quem vem na contramão
É, não sabe ao certo quem é
Quem é herói ou vilão
Não sabe ao certo quem vai
Quem vem na contramão

Porque tem homem mal
Que vira homem bom
Porque tem homem mal
Que vira homem bom
Quando ele compra o rémedio
Quando ele banca o feijão
Quando ele tira pra dá
Quando ele dá proteção

Porque tem homem da lei
Que vira homem mal
Porque tem homem da lei
Que vira homem mal
Quando ele vem pra atirar
Quando ele caga no pau
Quando ele vem pra salvar
E sai matando geral

É parceiro
 E aí é que a chapa esquenta
 É nessa hora que a gente vê quem é fiel
 Mas tanto lá como cá
 Ladrão que rouba ladrão
 Não tem acerto, é pedir terror
 Não tem perdão
 Quem fala muito é X-9
 E desses a gente tem de montão
 Mais o X do problema
 Tá na corrupção
 Um dia, o bicho pegou
 O coro comeu
 Polícia e bandido bateram de frente,
 E aí meu cumpadre
 Aí tu sabe
 Aí foi chapa quente, chapa quente...

Bateu de frente
 Um bandido e um
 Sub-tenente lá do batalhão
 Foi tiro de lá e de cá
 Balas perdidas no ar
 Até que o silêncio gritou
 Dois corpos no chão, que azar
 Feridos na mesma ambulância
 Uma dor de matar
 Mesmo mantendo a distância
 Não deu pra calar

Polícia e bandido trocaram farpas
 Farpas que pareciam balas
 E o bandido falou:
 Você levou tanto dinheiro meu
 Agora vem querendo me prender
 E eu te avisei você não se escondeu
 Deus no que deu
 E a gente tá aqui
 Pedidindo a Deus pro corpo resistir
 Será que ele tá afim de ouvir?
 Você tem tanta basuca,
 Pistola, fuzil, granada
 Me diz pra que tu
 Tem tanta munição?

É que além de vocês
 Nós ainda enfrenta
 Um outro comando, outra facção
 Que só tem alemão sanguinário
 Um bando de otário
 Marrento, querendo mandar
 Por isso que eu tô bolado assim
 Eu também tô bolado sim
 É que o judiciário tá todo comprado
 E o legislativo tá financiado
 E o pobre operário
 que joga seu voto no lixo
 Não sei se por raiva
 Ou só por capricho
 Coloca a culpa de tudo
 Nos homens do camburão
 Eles colocam a culpa de tudo
 Na população

{E o bandido...}
 E se eu morrer vem outro em meu lugar
 {Polícia...}
 E se eu morrer vão me condecorar
 E se eu morrer será que vão chorar?
 E se eu morrer será que vão lembrar?
 E se eu morrer... {já era}
 E se eu morrer
 E se eu morrer... {foi!}
 E se eu morrer

Chega de ser subjulgado
 Subtraído, um subbandido de um
 Sublugar, subtenente de um
 Subpaís, um subinfeliz
 subinfeliz..

subjulgado, Subtraído,
 um subbandido de um sublugar,
 subtenente de um subpaís,
 um subinfeliz..

Mas essa história
 Eu volto a repetir

Aconteceu numa cidade
 Muito longe daqui
 Numa cidade muito longe,
 Muito longe daqui
 Que tem favelas que parecem
 As favelas daqui
 E tem problemas que parecem
 Os problemas daqui
 Daqui
 Daqui
 Daqui

É isso aí Sapucahy..
 Polícia ou bandido?
 vai saber né

A violência na contemporaneidade é um dos desafios para a vida em sociedade, constituindo-se, assim, em uma marca de nosso tempo. Os textos acima retratam papéis sociais que a Polícia, representante da segurança pública, desempenha na sociedade. A partir da leitura dos textos, sobre a ação da polícia e sua representação social, é CORRETO afirmar que em ambos há:

- um enaltecimento da exata função dos policiais, enquanto profissionais essenciais para a ordem social, mas pouco valorizados.
- uma tentativa de deturpação da função da polícia, bem como a ostentação e abuso de poder de alguns de seus representantes.
- uma forma preventiva de ação em relação aos marginais, visto que se trata de um órgão que não mede esforços para zelar pela segurança pública.
- uma explicitação das funções repressoras e punitivas do governo, imprescindíveis para a efetivação da ordem e da justiça social.

3) Leia o texto abaixo e faça o que se pede.

O Homem; As Viagens
Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da terra tão pequeno
Chateia-se na terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a lua
Desce cauteloso na lua
Pisa na lua
Planta bandeirola na lua
Experimenta a lua
Coloniza a lua
Civiliza a lua
Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.
O homem chateia-se na lua.
Vamos para marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em marte
Pisa em marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza marte com engenho e arte.

[...]

A repetição do item lexical *lua* traz, para o poema, o sentido de que:

- A) O homem explorou luas diferentes, cada uma em um momento do poema, de forma que pudesse vivenciar experiências distintas.
- B) Carlos Drummond de Andrade não conhecia outros recursos linguísticos para substituir o léxico *lua*, sendo essa uma repetição acidental.
- C) O homem ocupou a lua de forma completa, demarcando seu território e colonizando-a assim como fez com a Terra.
- D) A lua, assim como o planeta Terra, possui recursos diversos que devem ser explorados pelo homem durante suas viagens.

4) Leia a tira:



(Larte. Classificados. São Paulo: 2002)

O humor da tira é construído em torno do duplo sentido que uma palavra adquire no contexto. Que palavra é essa?

- A) Piano
- B) Finura
- C) Afinador
- D) Grosso

5) Leia o poema abaixo e faça o que se pede:

AMAR-AMARO

Carlos Drummond de Andrade

porque amou por que amou
se sabia
proibido passear sentimentos
ternos ou desesperados
nesse museu do pardo indiferente
me diga: mas por que
amar sofrer talvez como se morre
de varíola voluntária vágula evidente?

ah PORQUE AMOU
e se queimou
todo por dentro por fora nos cantos ecos
lúgubres de você mesm(o,a)
irm(ã,o) retrato espetáculo por que amou?

se era para
ou era por
como se entretanto todavia
toda via mas toda vida
é indignação do achado e aguda espotejação
da carne do conhecimento, ora veja

permita cavalheir(o,a)
amig(o,a) me releve
este malestar
cantarino escarninho piedoso
este querer consolar sem muita convicção
o que é inconsolável de ofício
a morte é inconsolável consolatrix consoadíssima
a vida também
tudo também
mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de
nuncarás.

*Significados:

- Amaro – Amargo
- Vágula – Que vagueia
- Espéculo – Mancha
- Espotejação – Estraçalhamento
- Malestar – Sensação desconfortável
- Consolatrix – Musa que consola
- Esconsolável – Desconsolável
- Nuncara- Nunca
- Lúgrubres – Sombrio

A expressão “museu do pardo indiferente”, na primeira estrofe do poema de Drummond, demonstra que o amor:

- A) É impedido de existir porque as pessoas são incapazes de se sensibilizarem para amar.
- B) É um sentimento tão comum que se tornou proibido na sociedade da época do poema.
- C) Existe em lugares antigos, em que as memórias mais bonitas são armazenadas.
- D) É um sentimento que sempre leva à morte de quem ama e é amado.
- 6) Ainda sobre o poema Amar-Amaro, de Drummond, a relação estabelecida entre o título desse poema e o amor é:
- A) Sonora, porque traz uma rima para explicar as faces mais bonitas e conflituosas do amor.
- B) Paradoxal, porque representa que o amor, um sentimento tido como belo, é amargo.
- C) Sonora, porque é utilizado um jogo de palavras sem trazer novos sentidos para o poema.
- D) Paradoxal, porque representa que o eu-lírico do poema ama intensamente.
- 7) Com o objetivo de celebrar o aniversário de 2 anos do governo Temer, a equipe de publicidade do ex-presidente lançou o seguinte slogan: “O Brasil voltou, 20 anos em 2”. Esse enunciado foi bastante polemizado na mídia porque, com a retirada da vírgula, novos sentidos são gerados. Assinale, abaixo, a expressão que mais se aproxima da pretendida pelo governo:



- A) Retrocedeu
- B) Ressurgiu
- C) Rechaçou
- D) Reiterou

8) Leia o texto abaixo e faça o que se pede

LAR DESFEITO

Luis Fernando Veríssimo

1. . José e Maria estavam casados há 20 anos e eram muito felizes um com o outro. Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha reclamou:
2. - Vocês nunca brigam?
3. José e Maria se entreolharam. José respondeu:
4. - Não, minha filha. Sua mãe e eu não brigamos.
5. - Nunca brigaram? - quis saber Vítor, o filho do meio.
6. - Claro que já brigamos. Mas sempre fizemos as pazes.
7. - Na verdade, brigas, mesmo, nunca tivemos. Desentendimentos, como todo mundo. Mas sempre nos demos muito bem...
8. - Coisa mais chata - disse Venancinho, o menor.
9. Vera, a filha mais velha, tinha uma amiga, Nora, que a deixava fascinada com suas histórias de casa. Os pais de Nora viviam brigando. Era um drama. Nora contava tudo para Vera. Às vezes chorava. Vera
10. consolava a amiga. Mas no fundo tinha uma certa inveja. Nora era infeliz. Devia ser bacana ser infeliz assim. O sonho de Vera era ter um problema em casa para poder ser revoltada como Nora. Ter olheiras como Nora.
11. Vítor, o filho do meio, frequentava muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio estavam separados. O pai de Sérgio tinha um dia certo para sair com ele. Domingo. Iam ao parque de diversões, ao cinema, ao futebol. O pai de Sérgio namorava uma moça do teatro. E a mãe de Sérgio recebia visitas de um senhor muito camarada que sempre trazia presentes para Sérgio.
12. Venancinho, o filho menor, também tinha amigos com problemas em casa. A mãe do Haroldo, por exemplo, tinha se divorciado do pai do Haroldo e casado com um cara divorciado. O padrasto de Haroldo tinha uma filha de 11 anos que podia tocar o Danúbio azul espremendo uma das mãos na axila, o que deixava a mãe do Haroldo louca. A mãe do Haroldo gritava muito com o marido.
13. Bacana.
- Eu não aguento mais esta situação - disse Vera, na mesa.
14. - Que situação, minha filha?
15. - Essa felicidade de vocês!
16. - Vocês deviam ter o cuidado de não fazer isso na nossa frente - disse Vítor.
17. - Mas nós não fazemos nada!
18. - Exatamente.
19. Venancinho batia com o talher na mesa e reivindicava:
20. - Briga. Briga. Briga.
21. José e Maria concordavam que aquilo não podia continuar. Precisavam pensar nas crianças. Antes de mais nada, nas crianças. Manteriam uma fachada de desacordo, ódio e desconfiança na frente deles, para
22. esconder a harmonia. Não seria fácil. Inventariam coisas. Trocariam acusações fictícias e insultos. Tudo para não traumatizar os filhos.

23. - Víbora, não! - gritou Maria, começando a erguer-se do seu lugar na mesa com a faca serrilhada na mão. José também se ergueu e empunhou a cadeira.
24. - Víbora, sim! Vem que eu te arrebento.
25. Maria avançou. Vera agarrou-se ao seu braço.
26. - Mamãe. Não!
27. Vítor segurou o pai. Venancinho, que estava de boca aberta e os olhos arregalados desde o começo da discussão - a pior até então -, achou melhor pular da cadeira e procurar um canto neutro da sala de jantar.
28. Depois daquela cena, nada mais havia a fazer. O casal teria que se separar. Os advogados cuidariam de tudo. Eles não podiam mais nem se enxergar.
29. Agora era Nora que consolava Vera. Os pais eram assim mesmo. Ela tinha experiência. A família era uma instituição podre. Sozinha, na frente do espelho, Vera imitava a boca de desdém de Nora.
30. - Podre. Tudo podre. E esfregava os olhos, para que ficassem vermelhos. Ainda não tinha olheiras, mas elas viriam com o tempo. Ela seria amarga e agressiva. A pálida filha de um lar desfeito. Um pouco de pó-de-arroz talvez ajudasse.
31. Vítor e Venancinho saíam aos domingos com o pai. Uma vez foram ao Maracanã junto com Sérgio, o pai do Sérgio e a namorada do pai do Sérgio, a moça do teatro. O pai do Sérgio perguntou se José não gostaria de conhecer uma amiga da sua namorada. Assim poderiam fazer mais programas juntos. José disse que achava que não. Precisava de tempo para se acostumar com sua nova situação. Sabe como é.
32. Maria não tinha namorado. Mas no mínimo duas vezes por semana desaparecia de casa, depois voltava menos nervosa. Os filhos tinham certeza de que ela ia se encontrar com um homem.
33. - Eles desconfiam de alguma coisa? - perguntou José.
34. - Acho que não - respondeu Maria.
35. Estavam os dois no motel onde se encontravam, no mínimo duas vezes por semana, escondidos.
36. - Será que fizemos o certo?- Acho que sim. As crianças agora não se sentem mais deslocadas no meio dos amigos. Fizemos o que tinha que ser feito.
37. - Será que algum dia vamos poder viver juntos outra vez?
38. - Quando as crianças saírem de casa. Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências. Me beija.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. As mentiras que os Homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.139-142).

A partir da leitura do texto, é CORRETO afirmar que a alternativa que representa o seu principal objetivo comunicativo é:

- A) representar, imparcialmente, a configuração familiar dos tempos atuais, pois o narrador não se compromete ao narrar os fatos.
- B) criticar, explicitamente, as influências negativas da vida moderna na estruturação familiar, já que polemiza as convenções sociais.
- C) publicizar um tipo de situação, como o fato dos desencontros familiares, ainda desconhecida da maior parte da população.

D) construir, por meio da representação de uma circunstância irônica, um olhar crítico em relação à nova organização familiar.

9) Ainda em relação ao texto de Veríssimo, sobre a abordagem da temática do texto, é INCORRETO afirmar que:

- A) infere-se que o título do texto representa os problemas vivenciados no cotidiano familiar.
- B) percebe-se (fragmentos 9 - 11) uma reação pouco usual dos filhos frente aos seus problemas.
- C) constata-se uma desvalorização, por parte do autor, da constituição tradicional de família.
- D) observa-se que a questão da convenção social é trazida como ponto de reflexão no texto.

10) Imagine dois moradores de uma cidade conversando. De repente, um diz para o outro:

“_O Manoel Cunha é um bom prefeito. Apenas um ano na prefeitura, já asfaltou dez ruas da cidade.”

A fala desse morador ressalta a competência do prefeito, mas implicitamente veicula outras informações. Qual dos itens seguintes se refere corretamente a essas outras informações?

- A) O morador revela preconceito em relação aos prefeitos que não se interessam por pavimentação de ruas.
- B) Dez ruas asfaltadas não é um número grande a ponto de causar espanto. Logo, supõe-se que a cidade seja pequena e possua poucas ruas.
- C) A frase leva a crer que outro prefeito que asfaltasse dez ruas em um ano não seria considerado competente.
- D) A fala do morador deixa implícita a informação de que as obras de pavimentação são a prioridade no governo do referido prefeito.